

PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO CULTURAL NA AMAZÔNIA: UMA LEITURA COMPARADA DOS ROMANCES, *TERRA CAÍDA*, DE JOSÉ POTYGUARA E *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

Ivanete da Silva Alves (UFMG)¹

Resumo: *A forma de ocupação da Amazônia, responsável por seu caráter híbrido e heterogêneo, foi o que nos levou a discutir neste trabalho os processos de identificação cultural nas Amazônias, através de textos de natureza literária. Para isso tomamos como objeto de análise duas narrativas, Terra caída, de José Potyguara e Dois irmãos, de Milton Hatoum por acreditarmos que esses textos apresentam discursos relevantes para o debate e reflexão sobre os processos de identificação cultural desta região. A produção deste trabalho contou com o auxílio de teóricos como, Bhabha (1998), Hall (2014), e Kindler (1997).*

Palavras-chave: *Identidade; Heterogeneidade; Amazônia.*

Desconstruir o paradigma de “identidade una” é um desafio para pesquisadores e estudiosos interessados nesta temática, porque aprendemos a entender a identidade como algo estanque e essencializado. No entanto, compreendemos que esse paradigma possui caráter ideológico, uma vez que o mundo não é uniformizado. Sendo assim, devemos compreender a identidade a partir da diferença, enfatizando o múltiplo, o relacional. A dinâmica cultural

¹ Mestranda em Estudos Literários: Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural (UFMG); Graduada em Letras (UFPA). Contato: Ivanety_23@hotmail.com

impossibilita que tenhamos uma unidade identitária, pois a cultura é construída, é ação dos sujeitos. Essa dinâmica torna-se mais elevada na contemporaneidade, visto que a globalização tem acelerado as relações socioculturais, contribuindo com a produção de identidades plurais híbridas e heterogêneas.

Esses questionamentos em torno da identidade nos levaram a discutir os processos de identificação nas Amazônias. O uso no plural de “Amazônias” se justifica, pelo fato de concebermos essa região antes de tudo, uma construção discursiva, que foi sendo forjada ao longo do período de sua colonização. Em virtude disso, muitas são as imagens impressas desse lugar e várias são as maneiras de ver a Amazônia. Carlos Walter Porto Gonçalves (2005: 10) compartilha dessa ideia ao retratar a Amazônia como um construto imaginado. O trabalho será desenvolvido a partir da leitura comparada dos romances *Terra caída*, de José Potyguara (escritor cearense que viveu alguns anos no Acre) e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum (escritor amazonense). O objetivo deste trabalho é observar o olhar que esses autores empreendem para a Amazônia, isto é, como eles a compreendem e quais os discursos que produzem sobre essa região a partir de suas escritas literárias. Essas narrativas levantam questionamentos sobre a Amazônia e o nosso trabalho se constitui no desejo de averiguá-los, observando ideias, valores e, preconceitos subjacentes ou mesmo explicitamente apresentados nessas obras.

Terra caída teve a primeira edição em 1961 e aborda a problemática da decadência do ciclo da borracha que, se inicia por volta de 1890 e se estende até 1912. Essa obra faz parte de um conjunto de narrativas publicadas sobre a temática do declínio da comercialização do látex, abordando as condições de vida dos seringueiros, a brutalidade das relações sociais desenvolvidas no espaço amazônico, o sistema de aviamento², bem como a violência praticada contra sujeitos arrancados de sua terra natal – o nordeste brasileiro – especificamente do Ceará, que concebiam a proposta de trabalho no seringal como uma forma de amenizar os sofrimentos provocados pela seca. Um exemplo desse tipo de narrativa é *A selva*, do escritor português José Maria Ferreira de Castro, que coloca em seu texto o personagem português, Alberto, para conviver com nordestinos e caboclos amazônicos, no seringal Paraíso. Nesse texto o narrador em terceira pessoa, narra as atrocidades sofridas pelos seringueiros, como as doenças e a pobreza extrema.

Já o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, foi publicado em 2000, mas a obra é ambientada no início do século XX, momento em que finaliza a expansão da borracha, indo até a década de 1960, período da ditadura militar brasileira. Essa obra apresenta uma ótica diferenciada sobre a região amazônica, pois desloca o olhar para a cidade. A maior parte das ações se passa em Manaus, no centro e na periferia. O texto hatoumiano elabora um painel social da cidade, focalizando sujeitos empobrecidos, prostitutas, pescadores, peixeiros, vendedores ambulantes, mostrando um espaço marcado pela pluralidade e, tece uma crítica ao processo de modernização da capital manauara, questionando os seus princípios e ideais

² O sistema de aviamento consistia no ato do seringalista aviar ou vender a prazo produtos de subsistência, como o charque e a farinha (alimentação básica do trabalhador no seringal) ao seringueiro para que este pagasse com a produção da borracha. Tal prática era presente em todos os seringais.

norteadores. Nota-se que, essa escrita literária apresenta um comprometimento político com sujeitos excluídos desse processo de modernização.

É fato que as Amazônias instigaram desejos de vários povos, além de espanhóis e portugueses. A Amazônia brasileira, por exemplo, foi ocupada não só pelos povos ibéricos, mas por outros estrangeiros e também brasileiros de outras regiões, principalmente no período da extração da borracha, momento em que essa região recebeu grande número de pessoas: “a população [...] quase duplicou entre 1850 e 1872”. (Weinstein 1993: 56).

Notamos que a Amazônia brasileira apresenta contextos culturais diversos, devido a todo o processo de colonização por povos variados, tornando-se desse modo uma região marcada pela diferença cultural. Essa diferença, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2012: 50), pode ser construída negativamente por meio da exclusão, mas pode também ser celebrada positivamente ao valorizar a heterogeneidade e o respeito com aquilo que é incomum. Ressalta-se que, a diferença possui grande relevância, tendo em vista que através dela as culturas se reafirmam e reconhecem umas a outras. Assim, reafirmá-la contribui para desestabilizar as hierarquias ao possibilitar às minorias uma espécie de auto representação. Sobre isso que Homi K. Bhabha diz que: “o objetivo da diferença cultural é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste à totalização”. (Bhabha 1998: 228). Convém lembrar, que essa totalização nunca será possível, pois a dinamização sócio/cultural acaba impedindo a sua manifestação.

A diferença jamais será eliminada, visto que, existe interação entre as culturas, mas não há processo de absorção, e sim uma espécie de tradução. É por isso que Bhabha assinala: “as culturas vêm a ser representadas em virtude dos processos de interação e tradução [...]” (Bhabha 1998: 95). Isso evidencia a importância da diferença nas relações sociais e na própria constituição dos sujeitos, já que o Eu sempre vai precisar do Outro para existir. Desse modo, a diferença problematiza a identidade. Bhabha considera que “o desejo pelo Outro é duplicado pelo desejo na linguagem, que *fende a diferença* entre Eu e Outro, tornando parciais ambas às posições, pois nenhuma é auto-suficiente” (Bhabha 1998: 84).

Assim, a identidade é relacional, e sua formação é constante porque é construída pelos sujeitos na dinâmica social. Entendemos que os determinantes dos processos de formação de identidades são os diversos fatores que fazem parte do cotidiano de cada indivíduo. É partindo dessa compreensão que Anna M. Kindler ressalta:

[...] identidades culturais se formam não a partir de um único fator, mas de um eixo múltiplo. Religião, gênero, classe social, língua, tradição familiar, filiação a grupo social, afiliação profissional, particularidades, status econômico, idade, educação e muitos outros fatores contribuem para o desenvolvimento do sentido de pertinência. (Kindler 1997: 15)

Percebemos que as identidades estão sempre em formação. Não são estáveis, elas serão sempre modificadas. Quando as pessoas se deslocam de um lugar para outro haverá construções de identidades, uma vez que, terão convivência com outras

expressões culturais, embora não percam por completo suas identidades construídas anteriormente. Os novos fatores do cotidiano levam à formação de novas identidades. Então, podemos afirmar que: “[...] a identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada” (Silva 2012: 96), o que torna evidente que o sujeito possui mais de uma identidade.

Essa perspectiva de conceber a identidade é uma característica e exigência da pós-modernidade que se configura pelas transformações sociais aceleradas e globais, na qual tudo é momentâneo e volátil. Os sujeitos não são centrados no “eu”. Desse modo, não há mais possibilidade de nos entendermos como “sujeitos do Iluminismo”, que segundo Stuart Hall “estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (Hall 2014: 10).

Compreendemos que as identidades não são polarizadas, o que inviabiliza os processos que tentam estabilizá-las, como o binarismo. Sabe-se que as oposições binárias hierarquizam as classes sociais e culturais e consideram essas classes essencialistas. Contudo, a pós-modernidade questiona esse essencialismo ao demonstrar que as identidades fluem no meio social. Por isso entendemos que “a fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo uma impossibilidade” (Silva 2012: 84).

Essa impossibilidade de fixidez é nítida na Amazônia. Isso porque o espaço amazônico é permeado pela diferença cultural, visto que, foi colonizada por pessoas originadas de lugares distintos, e por isso possuem culturas das mais diversas.

A dinâmica identitária na Amazônia é evidenciada na obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Nela podemos constatar que as identidades são marcadas pela mobilidade, desse modo, estão bem distantes da ideia de substância, de essências fixas. Essa ideia de ignorar o caráter móvel da identidade é levantada em *Terra caída*, de José Potyguara, uma vez que esse autor imprime uma concepção estável para as identidades.

Terra caída narra a vida de nordestinos, principalmente do Ceará que, fugindo da seca se destinam ao Acre para trabalhar na coleta do látex (borracha em estado bruto). O personagem coronel Monteiro é o dono do seringal. O coronel explora os trabalhadores que são na sua maioria nordestinos, que vislumbram na Amazônia a promessa de vida melhor, mas ao chegarem lá se deparam com um patrão que explora, tortura e humilha.

Os trabalhadores enfrentam os mais diversos perigos como o medo dos indígenas, o ataque de animais e a opressão do patrão que, no fim do ciclo da borracha já não concedia alimento suficiente aos seringueiros com o intuito de evitar prejuízos financeiros. Sabe-se que os coletores da borracha contraíam dívidas com o seringalista logo que chegavam aos seringais, por causa do sistema de aviamento imposto a todos. Esse sistema funcionava assim: o seringalista era também proprietário do único mercado de produtos de subsistência no seringal. Com o controle das mercadorias, os preços dos produtos encontravam-se superfaturados. Nesse mercado, os seringueiros recebiam mercadorias antes de seguirem para as “colocações”, (área específica da coleta da borracha), o pagamento era sempre feito com a borracha, depois que o coletor começava a produzir. Dessa maneira os extratores já iniciavam suas atividades endividados. A dívida, em vez de ir acabando

com o trabalho, aumentava assustadoramente, chegando à condição de impossibilidade de pagamento, o que colocava os trabalhadores à mercê dos proprietários.

O discurso usado por José Potyguara mostra a Amazônia como espaço selvagem, de embrutecimento e degradação. Um discurso já utilizado em narrativas do mesmo período histórico, como, por exemplo, o de Euclides da Cunha no livro *À margem história*, que retrata a maneira degradante que vivem os seringueiros na floresta extremamente perigosa. Sobre isso, Cunha assinala: “o homem, ali ainda é um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto salão. E encontrou uma opulenta desordem” (Cunha 1999: 2).

Em *Terra caída*, a floresta degrada e destrói o ser humano. Ele vive sozinho, isolado da civilização e do contato com pessoas, transformando-se em um bárbaro para sobreviver, “é um caso de mimetismo psíquico de homem que se finge de bárbaro para vencer o bárbaro” (Cunha 1999: 48). Isso fica evidente no personagem Teodoro, um nordestino que vai trabalhar no seringal do coronel Monteiro. Esse homem vive na colocação Solidão, um local muito distante do barracão (centro do seringal). Teodoro é um exemplo de sujeito degradado pela floresta, uma vez que vive em condições humilhantes. “Seminu, tem apenas trapo de tanga que cobre da cintura até os joelhos. A barba enorme mistura-se à longa cabeleira encaracolada, cobrindo os ombros” (Potyguara 2007: 186).

O próprio Teodoro reconhece a forma desumana em que vive, como podemos notar: “[...] Ist’aqui foi onde o diabo perdeu a espora. Só vejo gente, aqui duas vês por ano, quando o comboio vem trazê aviamento [...] Ninguém vem cá. Isso aqui é parede-meia do fim do mundo” (Potyguara 2007: 186). Porém, ele e tantos outros descontentes nos seringais não têm como abandonar o trabalho, visto que as dívidas que têm com o seringalista os impedem de retornar às suas terras de origens.

É exatamente isso que mostra claramente Euclides da Cunha: “fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões acordo de não aceitarem, uns os empregados de outros, antes de saldadas as dívidas (Cunha 1999: 15). Por isso os seringueiros viviam em situação degradante. Na casa de Teodoro “[...] uma rede com um mosquiteiro e uma tremepe sobre o borrarho” (Potyguara 2007: 186). Esses seringueiros vivem distante até mesmo de outros seringueiros, devido à distância de uma colocação para outra, como Teodoro: “[...] faz mais de ano que não piso no Barracão. A derradeira vez foi quando cortei o cabelo. Já tá dando trança” (Potyguara 2007: 187).

Os seringueiros não aprovavam esse distanciamento da civilização e, se preocupavam, pois sabiam que essa distância não era benéfica, por isso temiam que ela comprometa a condição de humano. É isso que percebemos no personagem Teodoro: “[...] só tenho medo é de desaprendê a falá. Às vez, sinto uma vontade danada de conversá. Mas, com quem? Então, falo só e intê grito, pr’ao meno ouvir minha voz e me certificá de que não fiquei mudo” (Potyguara 2007: 187). Notamos que há um cerceamento da palavra, já que isolados estavam impedidos de falar. E, assim esses extratores de borracha conviviam com seus medos. Para Euclides da Cunha esse trabalhador “[...] é um excomungado pela própria distância que o afasta

dos homens; e os grandes olhos de Deus não podem descer até àqueles brejais, manchando-se” (Cunha 1999: 53).

Além do isolamento, a própria selva representava problemas para os seringueiros, como o medo dos índios, os mosquitos, as doenças (principalmente a malária) e o ataque de animais. Problemas estes que às vezes eram responsáveis por vitimar muitos trabalhadores e membros das suas famílias. Desse modo, a floresta configura-se como um espaço selvagem no qual acontece tudo de ruim à vida do seringueiro. Essa selvageria pode ser percebida na citação que segue:

Não havia tempo a perder com imprecações inúteis. Urgia qualquer providência para tentar salvar o filho, que talvez estivesse vivo. Não foi difícil seguir a pista. O sangue derramado era um vestígio certo, que o cãozinho farejava. Muito adiante, depois de uma pinguela, do lado de lá do igarapé, o cachorro latiu junto à tronqueira de um mulateiro caído num cerrado de sororoca. Sentindo-se acuada. A onça pulou para cima da tronqueira, mostrando-se de corpo inteiro. Com dois tiros Chico Bento derrubou-a e, num ímpeto de vingança inútil, disparou o resto da carga do rifle, crivando de balas o corpo da fera. Em seguida, empunhando o terçado, abriu passagem no emaranhado que fechava o antro do animal e entrou. Duas lágrimas rolaram, quentes e silenciosas, pelas faces do pai: da criança restavam apenas a cabeça e os ossos ensangüentados. (Potyguara 2007: 51)

A degradação do seringueiro é tão grande que Euclides da Cunha comparou esses trabalhadores a Judas. Porque, para esse autor, o sofrimento dos sertanejos na Amazônia era tão grande quanto o de Judas no Sábado de Aleluia. Então, ao presenciar o linchamento do “Judas”, Euclides da Cunha concluiu:

O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafrenta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram. (Cunha 1999: 55, 56)

Esse olhar sobre as Amazônias é próprio do colonizador, que imbuído de uma cultura hegemônica, vê nesse espaço um lugar desprovido de civilização no qual predomina a selvageria e a barbárie. Esse discurso que inferioriza os povos das Amazônias veio com os europeus no período da corrida expansionista, e imprime um ponto de vista sobre os povos e culturas desse lugar. “gerações de europeus se convenciam de sua superioridade cultural e intelectual diante da “nudez” dos ameríndios” (Bonnici 2009: 257).

Na narrativa, em análise, percebemos que José Potyguara constrói discursos que produzem identidades homogêneas, tendo em vista que, os personagens

apresentam situações semelhantes, com trajetórias praticamente inalteradas ao longo da trama. Como se todos os indivíduos tivessem a mesma vida. Desse modo, não há muita possibilidade de convivência com a diferença. Assim, o autor põe em pauta uma postura essencializada. Para esse romancista, a Amazônia é marcada pela homogeneidade e fixidez.

A concepção estabilizadora que fixa o sujeito nos dá um sentido singular de pertencimento a uma formação cultural, pondo em relevo a ideia de nação ou de nacionalidade. Tal ideia concebe as identidades estáveis mesmo desvinculadas de seus territórios originais.

Já Milton Hatoum, em *Dois irmãos*, possui um olhar diferenciado para a Amazônia, pois propõe uma reorganização dos espaços, subvertendo modelos e estereótipos, ao apresentar um lugar plural, híbrido e heterogêneo. Vemos em sua narrativa um culto à multiplicidade, um rompimento com linhas divisórias entre centro e periferia, culto e popular, baixa e alta cultura. Esse autor manauara empreende um olhar inovador para a região amazônica a partir da cidade. Manaus é mostrada sob aspecto da pluralidade cultural, já que é habitada por pessoas originadas de diversos lugares, onde as culturas se imbricam.

A obra de Hatoum demonstra com nitidez que o centro unificador identitário é ilusório, porque somos constituídos de diferentes contingentes culturais que nos cercam. Por isso, Hall assinala que, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades [...]” (Hall 2014: 11).

Dois irmãos, narra a vida de imigrantes libaneses que vêm para Manaus em busca de melhorias financeiras e de uma vida longe de guerras. Essa obra centra-se no conflito entre os irmãos gêmeos Omar e Yaqub, que possuem comportamentos diferentes e visões de mundo opostas. Omar é extrovertido, boêmio e conta com a proteção extrema da mãe. Yaqub é introvertido e calculista e demonstra certa mágoa dos pais por tê-lo mandado para o Líbano, onde passou cinco anos, com o intuito de cessar a discórdia entre os gêmeos. No entanto, a rivalidade dos irmãos é evidenciada durante toda a trama. Além dos gêmeos, outros personagens se destacam, como Rânia (irmã dos gêmeos), Halim e Zana (pai e mãe dos gêmeos e de Rânia) e Domingas, empregada dessa família. Essa obra retrata Manaus no período de ruína, devido ao declínio do comércio da borracha, no início do século XX, mas apesar dessa decadência a cidade entra em processo de modernização. Contudo, percebemos que tal processo traz também muitos problemas, como o aumento da população pobre e das periferias.

Milton Hatoum enfoca a diferença cultural na Amazônia brasileira, ao mostrar a interação entre várias culturas, sem hierarquia e preferência. O próprio casamento de Zana (católica) com Halim (mulçumano) (Hatoum 2006: 41a), exemplifica isso. O convívio de Zana libanesa com Domingas índia (Hatoum 2006: 18; 57a) também é outro exemplo, já que, patroa e empregada convivem utilizando o saber cultural uma da outra, mas mantém parte da sua cultura de origem. Assim fica nítido que a diferença nunca é totalmente preenchida ou concluída. Bhabha (1998: 86) compreende a diferença como uma metonímia, pois remete a uma presença que sempre estará ausente.

Notamos que Hatoum evidencia a heterogeneidade e a instabilidade. Rânia, por exemplo, é uma personagem que representa esse tipo de instabilidade. No início notamos que essa personagem é apenas uma moça que gostava das coisas que praticamente todas as garotas gostam: diversão festa, mas depois se retrai. Essa atitude é fruto de um acontecimento que não fica muito claro, visto que o narrador apenas sugere ao leitor.

Muito mocinha Rânia, emburrou a cara. Domingas, que a viu nascer e crescer lembrava-se da tarde em que mãe filha se estranharam. [...] era uma menina alegre e apresentada, contou Domingas, mas desde aquele dia Rânia só tocou em dois homens: os gêmeos. Não foi aos salões dançantes da cidade; parou de passear pelas praças onde encontrava veteranos do Ginásio Amazonense para ir às matinês do Odeon, do Guarany, Polytheama; aderiu à reclusão, à solidão noturna do quarto fechado [...] saía do quarto na noite do aniversário da mãe e nas ceias natalinas. (Hatoum 2006: 70a)

Rânia é exemplo de que as identidades não são construídas como essências fixas, elas são fluidas. Desse modo, concluímos que as pessoas possuem várias identidades, e são assumidas de acordo com as necessidades. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (Hall 2014: 12).

Rânia demonstra assumir identidades distintas, por exemplo, ao começar trabalhar com o pai. O narrador deixa claro que os clientes ficaram surpresos e admirados por veem uma mulher comandar o comércio. Entendemos que nesse aspecto, a filha de Halim simboliza a ascensão da mulher no mercado de trabalho, o que contribui com a desconstrução de discursos machistas da sociedade patriarcal. Dessa forma, essa personagem vai desconstruindo e reconstruindo sua identidade.

Abandonou a universidade no primeiro semestre e pediu ao pai para trabalhar na loja. Halim consentiu. O que ele esperava de Omar veio de Rânia, e da expectativa investida nasceu uma águia nos negócios. Em pouco tempo, Rânia começou a vender, comprar e trocar mercadorias. Conheceu os regatões mais poderosos e, sem sair de Manaus, sem mesmo sair das ruas dos Barés, soube quem vendia roupa aos povoados mais distantes. Fez um acordo com esses regatões, que no início a desprezara; depois, acreditaram ou fingiram acreditar que Halim se escondia por trás da negociante astuta. Não era raro vê-la exibir para os fregueses o sorriso quase instantâneo de uma falsa simpatia. Sabia atraí-los, lançando um olhar lânguido, demorado e cativante que contrastava com os gestos rápidos e prestativos de vendedora exímia. (Hatoum 2006: 70a)

Rânia realizou uma transformação na loja. Ela percebeu que o estabelecimento comercial da família não estava acompanhando o ciclo dos acontecimentos na cidade, uma vez que, nesse período, a capital manauara passava por uma ampla reestruturação, adequando-se às novas tendências. A personagem demonstra entender que para ter êxito nos negócios é preciso se atentar às mudanças. Em virtude disso, mudou toda a loja.

Na época Rânia quis modernizar a loja, decorá-la, variar as mercadorias. [...] Rânia dirigiu a reforma da loja. Eu a ajudei a emboçar e rebocar a fachada, e ela mesma pegou nas brochas e pintou todas as paredes de verde. Minha ajuda não foi inútil, mas quem trabalhasse ao lado de Rânia tinha sensação de que estava atrapalhando. [...] Depois da reforma, Rânia tomou mais gosto pela loja. Mandava e desmandava, cuidava do caixa, do estoque e das dívidas dos caloteiros. Acabou de vez com a venda fiado, “uma filantropia que não combina com o comércio”. Publicou anúncio nos jornais e nas estações de rádio, mandou imprimir folhetos de propaganda. Fez uma promoção de mercadorias e torrou o encalhe, as coisas velhas, de um outro tempo. [...] Agora a fachada da loja exhibe vitrines, e pouca coisa restava que lembrasse o antigo armarinho situado a menos de duzentos metros da praia do Negro. (Hatoum 2006: 96; 99a)

Mesmo com toda essa reforma da loja restou um espaço que não foi alterado, a sobreloja. “A sobreloja, espaço exíguo onde Halim às vezes rezava ou se refugiava com a mulher, não havia sido reformada. Ali ele empilhou seus badulaques e ali se entocava agora sem Zana, sozinho” (Hatoum 2006: 99a). Talvez, essa sobreloja seja a parte da cidade que foi excluída do processo de modernização. Os cortiços continuaram existindo, os menos favorecidos continuaram os mesmos, levando a mesma vida há décadas.

Passavam em frente ao Mercado Municipal, já velhos, recurvados, ainda carregando nas costas sacos de farinha e um monte de pencas de pacovã; acenavam para Halim, mas não davam mais uma paradinha na loja para tomar água ou guaraná. Não paravam, continuavam a subir até o topo da praça, onde descarregavam o fardo. Depois voltavam para a beira das escadarias do pequeno porto, entravam nas embarcações e recomeçavam. Desde quando faziam isso? Há mais de meio século. [...] No cortiço dos fundos, só tumulto e aflição: as casinhas estavam inundadas [...] Saímos do cortiço com o choro das crianças na memória e a impressão de que nossos vizinhos haviam perdido tudo. (Hatoum 2006: 100; 173a)

A narrativa problematiza essa modernização excludente na Amazônia. Observamos que os empreendimentos recebidos pela cidade foram benéficos apenas para as camadas sociais economicamente de destaque em Manaus, e para os investidores que chegavam. O processo modernizador não minimizou os problemas

sociais, aliás, os aumentou, pois, a capital também recebeu mais pessoas; a maioria ia para as periferias e muitos manauaras tiveram que deixar o centro como a própria Rânia fez. “O brusco crescimento demográfico de Manaus revela também a face perversa de uma modernização inacabada ou falha. O espaço da cidade se estratifica, segundo uma nova configuração: a de classes sociais” (Hatoum 2006: 55b).

Percebemos que essa modernização levou ao crescimento da periferia, e nela as pessoas passaram a viver de maneira desumana, são os miseráveis, “os miseráveis de Manaus, e, com eles, as doenças e epidemias” (Hatoum 2006: 55b). Os bairros distantes em que essas pessoas vivem, não possuem planejamento algum, são desprovidos de assistência e condições mínimas de vida. Observem o que Milton Hatoum diz sobre esse cenário de Manaus:

Os mais pobres serão confinados em bairros distantes do centro histórico, como o Mocó, a Colônia de Oliveira Machado, São Raimundo e Constantinópolis. Uma penitenciária, Asilos de Mendicidade e de Alienados e uma Colônia Agrícola completam o aparato arquitetônico para abrigar os desvalidos, marginalizados e foras da lei. Esses edifícios tentam exercer mecanismos de controle, num momento em que a população pobre cresce e é vista como uma ameaça ou perigo à ordem e ao bem-estar burguês. (Hatoum 2006: 55b)

Milton Hatoum demonstra ter um comprometimento político, social e cultural com o espaço amazônico. Este autor destaca os problemas desta região, todavia, mostra que é possível viver neste lugar. Isso é evidenciado com a família de Rânia, que não é de origem brasileira, mas vive em Manaus sem objetivo de voltar à terra de origem. O autor ainda enfatiza o hibridismo e, as diferenças culturais no nessa região, algo que pode ser percebido por meio da família de Zana que vive culturalmente entre o Líbano e a Amazônia.

Ele mesmo o viúvo Galib, cozinheira, ajudava a servir e cultivava a horta, cobrindo-a com um véu de tule para evitar o sol abrasador. No mercado Municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um matrinxã, recheava-o com farofa e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia com molho de gergelim. [...] O pai conversava em português com os clientes do restaurante: mascates, comandantes de embarcação, regatões, trabalhadores do Manaus Harbour. Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português, misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiram histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo. (Hatoum 2006: 36a)

Podemos notar que, *Dois irmãos* põe em relevo as identidades plurais quando enfatiza que as pessoas podem assumir diversos posicionamentos socioculturais. A narrativa vê a Amazônia a partir da multiplicidade, da diferença cultural, ao mostrar

a cidade no meio da floresta habitada por pessoas originadas de diversos lugares e consequentemente permeada por diversas culturas. Por outro lado, *Terra caída*, evidencia que a identidade do sujeito é única; volta-se para a selva e não resalta as diferentes culturas em solo amazônico, ignorando assim, a heterogeneidade desta região.

Por meio dos seus discursos, os dois autores, Milton Hatoum e José Potyguara, demonstram a maneira como veem a Amazônia. José Potyguara, em *Terra caída* direciona o seu olhar para a floresta, de forma fixa, ou seja, para ele as identidades são estáveis e homogêneas. Na visão desse autor a Amazônia essencializada é apresentada como um ambiente não apropriado para se viver, uma vez que destrói o ser humano. Em seu discurso, Potyguara apresenta a região amazônica associada sempre a um lugar de brutalidade, que aniquila e transfigura a vida humana. Não há felicidade harmonia ou beleza. Além das humilhações, do isolamento da civilização, os seringueiros vivem constantes tormentas impostas pela floresta, é como se a natureza fosse inimiga desses trabalhadores. Com tantas atrocidades que assolam as pessoas neste espaço, elas perdem elementos de humanidade e solidariedade tornando-se brutais.

Em *Dois irmãos*, o olhar de Milton Hatoum para a Amazônia é múltiplo. Ele mostra que as identidades não são fixas, pondo em evidência a diferença e a heterogeneidade cultural dessa região. Aparece em sua narrativa uma Amazônia agradável, mas também com problemas; a lente do autor observa a cidade amazônica, a margem e o centro, o que contribui para uma ampliação do olhar sobre a região norte do Brasil. Hatoum questiona o processo de modernização, indagando para quem realmente esse processo foi válido. Esse escritor, por meio de sua escrita literária, desenvolve um projeto de resistência cultural para se contrapor aos discursos que historicamente nos constituíram, com a ideia dessa região ser um espaço embrutecido, não apropriado para a vida, marcado pelo sofrimento, doenças e mazelas.

Podemos compreender que as obras analisadas possuem discursos bastante diferenciados sobre a Amazônia. Enquanto *Terra caída* praticamente, impossibilita a vida nesse lugar, *Dois irmãos* mostra que se pode viver nesse espaço. Na obra de Potyguara as identidades são concebidas de forma homogêneas, por outro lado na obra de Hatoum, as identidades são heterogêneas. Contudo, apesar das diferenças, os dois textos têm um ponto em comum: visualizam a Amazônia com sujeitos, com pessoas. Assim, ambos desconstruem a ideia dessa região não ser habitada.

IDENTIFICATION OF CULTURAL PROCESSES IN THE AMAZON: A COMPARATIVE READING NOVELS *TERRA CAÍDA* JOSÉ POTYGUARA AND *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Abstract: The form of occupation of the Amazon, responsible for its hybrid and heterogeneous character, was what led us to discuss in this paper the cultural identification processes in the Amazons through literary nature texts. We analyzed in two narratives, *Terra caída* by José Potyguara and *Dois irmãos* by Milton Hatoum

because we believe that these texts show significant speeches for debate and reflection on the cultural identification processes in this region. The production of this work was with the aid of theoretical as Bhabha (1998), Hall (2014), and Kindler (1997).

Keywords: identity; heterogeneity; Amazon;

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Primeira edição. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-coloniais. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Terceira edição. Maringá: Eduem, 2009, (pp. 258-280).

CASTRO, José Maria Ferreira de. *A selva*. São Paulo: Verbo Ltda, 1972.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. Segunda edição. São Paulo: Contexto, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

_____. Amazonas capital Manaus. In: NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades – Belém e Manaus*. Belém: Secult, 2006b, (pp. 49-70).

KINDLER, Anna M. Multiculturalismo e formação da identidade cultural. In: FIGUEIREDO, Eurídice; SANTOS, Eloína Prati dos. *Recortes transculturais*. Niterói: EDUFF: ABECAN, 1997.

POTYGUARA, José. *Terra caída*. São Paulo: Globo, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Décima primeira edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC, 1993.

ARTIGO RECEBIDO EM 01/11/2016 E APROVADO EM 23/02/2017